



WILD ALENTEJO · Mértola

Agrofloresta Adaptada à Seca

Observar, planear e iniciar um sistema no Alentejo
semiárido

Um guia de campo para começar pela água, pelo solo e pelo tempo
disponível — antes de escolher espécies ou desenhar uma plantação.

Edição 1 · 2026\ Vítor Baptista · Wild Alentejo



Terreno e sistema em observação no Wild Alentejo. Fotografia: arquivo do projeto.

1 Antes de plantar, ler

O primeiro desenho é feito no terreno, não no ecrã.

Este guia não começa com uma lista de plantas. Começa por perguntas que condicionam todas as decisões seguintes: **de onde vem a água de instalação? onde corre a água quando chove? que zonas recebem vento, sol e geada? quanto tempo existe para manter o sistema?**

No Wild Alentejo, em Mértola, a água disponível é um limite real: o poço aproxima-se do fim nos meses de verão. Esse contexto obriga a ajustar área, densidade, espécies e prioridades de manutenção. Não é uma falha do sistema; é o ponto de partida para o tornar mais honesto.

O que este guia faz

Organiza observações, perguntas e hipóteses para preparar decisões graduais. Ajuda a passar de uma ideia geral para um primeiro teste no terreno.

O que este guia não substitui

Um projeto técnico, levantamento topográfico, análise de solo, cálculo de rega, avaliação legal, plano de prevenção de incêndio ou acompanhamento agronómico.

Uma agrofloresta pode ser uma hipótese útil. Nunca deve ser tratada como receita garantida.

1.1 Como ler o guia

MEDIÇÃO NO TERRENO

Sensor, contagem, fotografia datada ou registo repetido.

OBSERVAÇÃO DE CAMPO

Leitura visual e qualitativa feita no local.

HIPÓTESE DE TRABALHO

Ideia para testar, acompanhar e corrigir.

REFERÊNCIA EXTERNA

Informação apoiada por uma fonte identificada.

2 O semiárido é a condição do sistema



Água de instalação: recurso a observar, priorizar e registar. Fotografia: arquivo Wild Alentejo.

REFERÊNCIA EXTERNA

A FAO descreve as zonas secas como contextos em que a escassez de água condiciona ecossistemas naturais e geridos. Os seus solos tendem também a ser vulneráveis à erosão por vento e água. [FAO, Dryland Forestry](#) Isto não significa que qualquer terreno seco tenha os mesmos problemas, nem que árvores resolvam automaticamente a falta de água. Significa que a disponibilidade hídrica, a cobertura do solo, a velocidade do escoamento e a manutenção devem entrar cedo no raciocínio.

Quatro limites a registar

ÁGUA

Origem, caudal disponível, duração da água no verão e possibilidade real de rega de instalação.

SOLO

Profundidade efetiva, pedra, compactação, solo nu, crostas e sinais de erosão.

CLIMA LOCAL

Exposição, vento, sol de oeste, zonas de geada e sombra existente.

MANEJO

Tempo, acesso, biomassa, proteção de plantas e capacidade para intervir.

3 Ler o terreno antes de desenhar

Um percurso de observação em 20 minutos

- 01** Caminhe o terreno depois da chuva, se possível. Veja por onde entra, acelera, acumula ou sai a água.
- 02** Registe solo nu, ravinas, zonas compactadas, pedra, vegetação espontânea e matéria orgânica.
- 03** Observe onde o verão é mais duro: vento, reflexo de calor, exposição oeste ou ausência de sombra.
- 04** Confirme acessos: transportar plantas, água, biomassa ou ferramentas também desenha o sistema.
- 05** Escolha uma área pequena para testar antes de expandir. A primeira intervenção deve ensinar alguma coisa.

Ficha de observação rápida

Data: _____

Zona: _____

Água observada: _____

Solo e cobertura: _____

Vento / exposição: _____

Primeira hipótese: _____

HIPÓTESE DE TRABALHO

Exemplo: "Nesta zona, testar cobertura e duas espécies de serviço antes de introduzir uma fruteira."

4 A água decide a escala

Uma hierarquia simples para não prometer o impossível

- 1 · SEGURANÇA** Confirmar a disponibilidade real de água para pessoas, animais, estruturas essenciais e segurança.
- 2 · ESTABELECIMENTO** Definir que plantas podem receber água de instalação e durante que período.
- 3 · SOLO** Reduzir solo exposto, acumular biomassa e testar medidas que abrandem o escoamento.
- 4 · EXPANSÃO** Só aumentar área e diversidade quando a manutenção e a água o permitirem.

Uma decisão prática

Se a água não chega para manter uma área grande, a resposta pode ser reduzir a área de implantação, espaçar fases de plantação ou privilegiar espécies de maior rusticidade. Não é necessário ocupar a totalidade do terreno no primeiro ano.



OBSERVAÇÃO DE CAMPO

Matéria orgânica e cobertura observadas no sistema. A imagem não permite, por si só, diagnosticar fertilidade ou atividade biológica.

5 Cobertura, biomassa e cuidado do solo



Poda e biomassa: intervenção de manejo, não resultado automático. Fotografia: arquivo Wild Alentejo.

REFERÊNCIA EXTERNA

A FAO destaca a proteção do solo contra erosão hídrica e eólica como passo crítico em zonas secas. Entre as medidas possíveis estão aumentar a cobertura vegetal, manter barreiras transversais ao declive e reduzir a velocidade e o volume do escoamento. [FAO, Drylands forests and agrosilvopastoral systems](#)

No terreno, o que observar?

COBERTURA

O solo está visível? A cobertura resiste ao vento? Há zonas onde a chuva abre caminhos?

BIOMASSA

Há material que pode ser usado como proteção sem retirar toda a matéria orgânica de outras zonas?

EROSÃO

Existem sulcos, ravinas, crostas ou sedimentação? Registe antes de intervir.

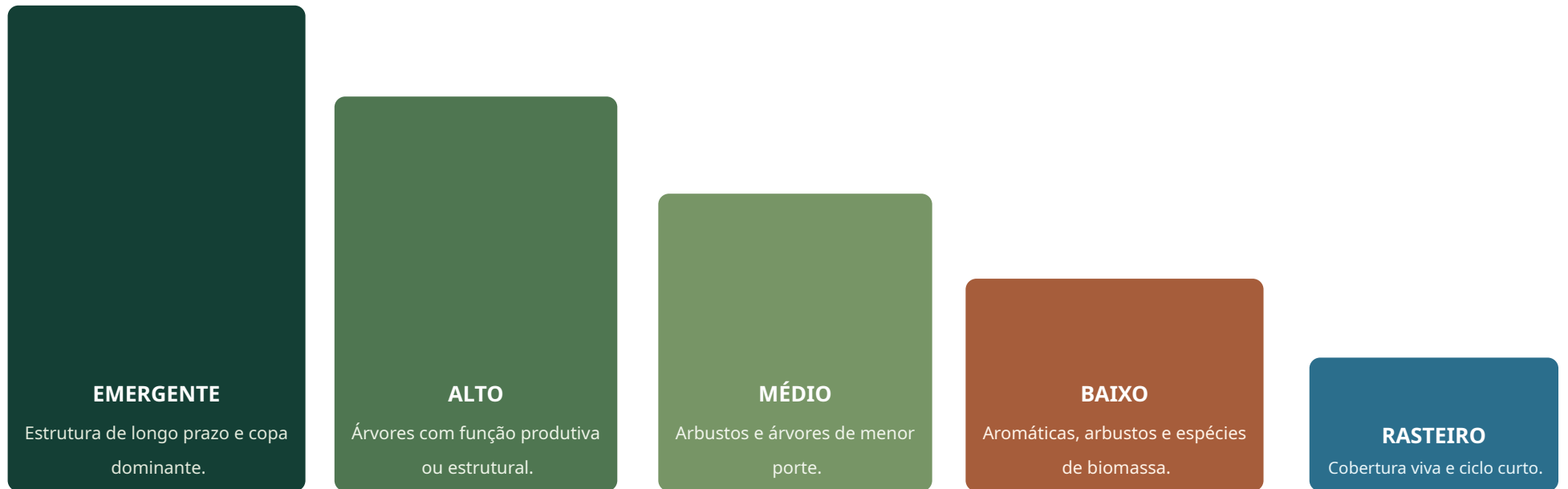
MANEJO

A poda, o corte e a distribuição de biomassa devem caber no tempo real de quem cuida do sistema.

6 Estratos e tempo: organizar, não simplificar demais

Os estratos descrevem a ocupação vertical e a necessidade de luz; não substituem o conhecimento do porte adulto, da água, do solo, da poda e da sucessão.

Neste guia, “serviço”, “secundária” e “clímax” são papéis de manejo, não classificações ecológicas universais.



Pergunta útil

Que papel cumpre esta planta agora e qual poderá cumprir daqui a três, cinco ou dez anos?

Limite

Uma planta pode ser útil num local e competir excessivamente noutro. O desenho precisa de ser acompanhado e ajustado.

7 Linhas, ilhas e curvas de nível

Linhas

Organizam plantas lado a lado, facilitam o acesso e podem combinar estratos na mesma sequência. O corredor de manejo não é espaço perdido; é parte da operação.



Os espaçamentos dependem do porte adulto, da água e do manejo.

Ilhas

Uma ilha é uma pequena comunidade: espécies de estratos e funções diferentes partilham o mesmo espaço. Não é uma coleção de círculos separados.



Manter espaço de acesso e observar competição.

Curvas de nível

Podem ajudar a orientar intervenções transversais ao declive, mas exigem confirmação do relevo, do escoamento e do risco de erosão.



Não usar um desenho genérico como levantamento topográfico.

Regra simples

Comece por uma área que consegue observar e manter. A forma escolhida deve facilitar a gestão de água, biomassa, acesso e aprendizagem — não apenas ficar bem num diagrama.

8 O Planeador é uma hipótese de campo

O Planeador de Agrofloresta do Wild Alentejo pode ajudar a organizar uma hipótese visual a partir de escolhas sobre área, água, forma do terreno e objetivo. O resultado deve ser levado para o terreno e comparado com o relevo, a água, o vento, os acessos e a capacidade de manutenção.

Ciclo recomendado



O resultado não resolve

pH, calcário, profundidade efetiva, pedra, salinidade, geada, topografia detalhada, caudal anual, risco de incêndio, legalidade e distância adequada ao porte adulto.

Use o resultado assim

Leve-o ao local, assinale o que não se aplica, reduza a escala e registre o que aprendeu.

9 Diário de hipótese

Uma intervenção útil é aquela que deixa um registo. Não precisa de ser complexa: uma fotografia datada, uma medição repetida ou uma observação escrita já permitem comparar estações e corrigir decisões.

Registo de intervenção

Data: _____

Zona / localização: _____

Condições observadas: _____

Intervenção: _____

Água usada: _____

Fotografia ou medição associada: _____

Aprendizagem

Hipótese inicial: _____

O que aconteceu: _____

O que não sabemos ainda: _____

Próxima observação: _____

Alteração para a próxima fase: _____

Fecho

A agrofloresta adaptada à seca não começa com uma promessa de abundância. Começa com a pergunta: “o que consigo estabelecer, observar e manter neste terreno, nesta estação e com esta água?”

10 Próximos passos e referências

Antes da primeira plantação

- Registei por onde a água entra, acumula e sai.
- Sei quanta água de instalação existe de forma realista.
- Escolhi uma área pequena e acessível para testar.
- Verifiquei solo, vento, exposição e risco de erosão.
- Defini uma primeira hipótese e uma forma de a acompanhar.

Continuar

Use o Planeador de Agrofloresta em wildalentejo.pt/guia-sintropico.html para criar uma hipótese visual e regressar ao terreno com perguntas mais claras.

Referências

Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Dryland Forestry**. Consultado em 2026. <https://www.fao.org/dryland-forestry/en/>

Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Drylands forests and agrosilvopastoral systems**. Sustainable Forest Management Toolbox. Consultado em 2026. <https://www.fao.org/sustainable-forest-management-toolbox/modules/drylands-forests-and-agrosilvopastoral-systems/en>

Wild Alentejo. Fotografias e observações de campo próprias, Mértola, Portugal. Consulte o diário e o Planeador em www.wildalentejo.pt.

Regeneração semiárida · desde 2023

11 Anexo A · Matriz de decisão antes de escolher espécies

Esta matriz não escolhe espécies por si. Serve para tornar explícitas as condições que precisam de ser confirmadas antes de comprar, plantar ou pedir uma recomendação técnica. Preencha uma linha por espécie ou grupo de espécies que esteja a considerar.

Espécie / grupo	Água de instalação	Geada	Solo / calcário	Porte e luz	Função e manejo

Pergunta decisiva

Sem água de instalação suficiente, a sobrevivência de fruteiras e espécies não nativas não deve ser assumida. Reduza a escala ou adie a plantação.

Registo útil

Anote a fonte da informação: observação própria, viveiro, referência botânica, técnico local ou ensaio no terreno.

12 Anexo B · Calendário de observação no semiárido

OUTONO · preparar e observar

Registe as primeiras chuvas, o comportamento do escoamento, as zonas de acumulação, a erosão e a resposta das coberturas espontâneas. Confirme acessos e escolha áreas pequenas de teste.

INVERNO · estabelecer com prudência

Acompanhe encharcamento, geada, drenagem e proteção de plantas jovens. Não confunda uma semana húmida com disponibilidade hídrica permanente.

PRIMAVERA · medir crescimento e competição

Observe sobrevivência, vigor, sombra, rebrote, cobertura e necessidade de poda. Registe o que muda antes de aumentar a área.

VERÃO · priorizar e aprender

Registe calor, vento, consumo de água, falhas e plantas que se mantêm ou entram em stress. A prioridade pode ser proteger o sistema já estabelecido, não expandir.

Perguntas para repetir em cada estação

O que mudou? O que foi medido? O que foi apenas observado? Que hipótese ficou mais forte ou mais fraca? Que intervenção vale a pena repetir, reduzir ou deixar de fazer?

13 Uso e partilha do guia

Uso pessoal

Este guia é disponibilizado gratuitamente para uso pessoal. Pode guardá-lo nos seus dispositivos e imprimi-lo para utilizar no terreno.

Partilha responsável

Pode partilhar a ligação oficial do guia. Não é permitida a revenda, a remoção de créditos, a publicação do ficheiro como produto próprio ou a criação de cópias comerciais.

Atualizações

Esta edição pode receber correções factuais pequenas. Alterações estruturais ou novos capítulos serão identificados como edição nova.

Porque este guia existe

O Wild Alentejo é um projeto de campo em Mértola. Este guia organiza perguntas, limites e aprendizagens práticas de um sistema que trabalha com seca estival, água limitada e acompanhamento contínuo.

Contacto e projeto

Acompanhe o diário de campo, o Planeador de Agrofloresta e os restantes recursos em www.wildalentejo.pt.

Regeneração semiárida · desde 2023

© 2026 Vítor Baptista / Wild Alentejo. Direitos integralmente reservados.